



UNICAMP

EVENTO: CORPO REVELA A VANGUARDA NAS FESTAS POPULARES

VEÍCULO: ESTADO DE S. PAULO

DATA: 20/09/97

PÁGINA: D11

SEÇÃO: CADERNO 2



Corpo revela a vanguarda nas festas populares

Companhia apresenta até amanhã no Municipal o espetáculo 'Parabelo', sua mais recente criação

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Se qualidade pudesse soar, soaria *Parabelo*, a trilha de Tom Zé e José Miguel Wisnik para a nova obra do Grupo Corpo, em cartaz no Teatro Municipal de São Paulo até amanhã. Não a qualidade como adjetivo, aquele algo que se predica, mas a qualidade como um modo de as coisas serem no mundo. A qualidade no sentido da qualidade de ser vermelho, no sentido da qualidade de ser sol. Qualidade como estado.

A música irradia-se. De um raio faz a roda inteira. O som do pilão anuncia rituais e, nas referências armazenadas dentro dos nossos ouvidos, as outras fontes, como o serrote, a água ou a respiração, propõem um esconde-esconde e, às vezes, também um pega-pega com os sons sintetizados.

O rastro para não se perder dentro ou fora desses jogos fica na corporeidade daqueles corpos-sínticos nos quais cada sonoridade nasce. Não se pode deixar escapar a presença da bochecha que aconchega a água, do aço ou da madeira de cada objeto, da fricção entre uma bexiga e o esmalte do dente. Corpos emergindo todo o tempo nos tempos musicais.

Num deslimite escancarado entre natureza e artifício, a composição oferece-se num desfolhamento de referências. Festas populares em estúdio de vanguarda. Tom Zé e José Miguel Wisnik deram corpo sonoro à luminosidade do sertão. No seu *Parabelo* está a paisagem clara da secura e da resistência que se expõe como alegria.

E dela sai uma cadeia de elos. Que irrompe na inteligente concepção de Freusa Zechmeister para os figurinos, que vela e desvela as cores solares e a fisicalidade do movimento. Com seu recurso de sombrear as malhas com tecido transparente e escuro, na verdade cinzela de severidade as musculaturas dos bailarinos. O jogo do esconde-revela acaba na pele, que se expõe no fim, nua na barriga das bailarinas e no torso dos bailarinos.

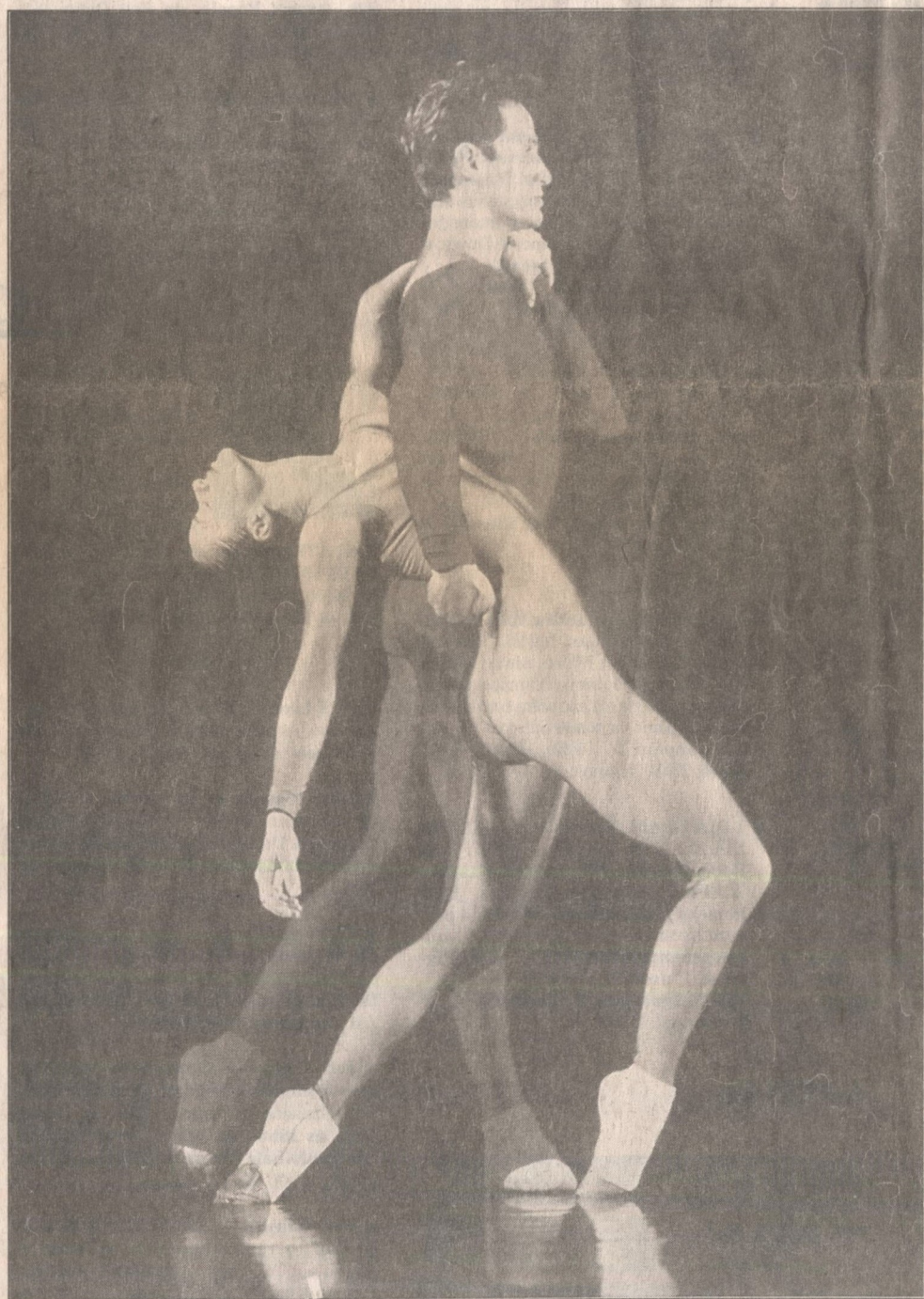
Monumentalidade — Na coreografia, são as dimensões dilatadas que operam esse deslocamento. Fernando Velloso e Paulo Pederneiras fizeram da questão da espacialidade um tema plástico e também cinético. Há uma monumentalidade nos dois momentos da obra (as cabeças dos ex-votos, na primeira parte, e a parede de Aparecida, depois) que propõe ao corpo que dança uma luta pela sua exposição. Esse diálogo, talvez porque ainda recente, parece oferecer ainda outras possibilidades de ajuste que, com certeza, serão exploradas pela competência destes dois artistas maiores.

Quanto à coreografia, Rodrigo Pederneiras está ainda mais corajoso. Inventou para si a mais difícil das empreitadas: criar vocabulário de dança — o que é muito diferente de apenas fazer coreografia, atividade na qual o coreógrafo se dedica a explorar, com maior ou menor habilidade, combinações de formas gramaticais já prontas.

Para inventar um vocabulário, provavelmente se gasta a vida inteira. Não por outra razão, em toda a história da dança, foram poucos os que se habilitaram para is-



Cena de 'Parabelo': Tom Zé e José Miguel Wisnik deram corpo sonoro à luminosidade do sertão



A nova coreografia de Pederneiras para o Grupo Corpo: o artista inventou para si mesmo a mais difícil das empreitadas, que é criar um vocabulário de dança

so. Evidentemente, ele ainda está começando o seu percurso, porque é jovem e sua obra, ainda recente. Mas o talento que vem demonstrando surpreende sempre. A princípio, foi quebrando e do-
brando a técnica do balé clássico.

Depois, passou a cuidar do seu desenho e das formas possíveis de sua hibridação com as raízes brasileiras.

Parabelo representa mais um sucesso na consolidação dessa empreitada gigantesca. Que pede

pela sua continuidade, especialmente porque a companhia caminha em sintonia perfeita com o seu coreógrafo. Dançando lindamente, com um acabamento cada vez mais refinado, contagiam todas as platéias com o seu vigor.

MÚSICA



Otis Rush: estilo lento e emocional, pela primeira vez no Brasil

Otis Rush traz blues de Chicago ao Free Jazz

Ele dividirá o palco do Palace com Ronnie Earl & The Broadcasters e Jimmie Vaughan

JOTABÉ MEDEIROS

O departamento de blues do Free Jazz Festival traz três estrelas ao palco do Palace no dia 12 de outubro: Ronnie Earl & The Broadcasters, Jimmie Vaughan e Otis Rush. Esse último é reconhecido como um dos verdadeiros mestres do blues de Chicago, onde nasceu e mora até hoje.

Mas o guitarrista Otis Rush não sabe precisar o que torna o blues de Chicago diferente daquele que se faz em outras partes do Estados Unidos. "Toca-se blues em Nova York, em Los Angeles, no Brasil, no Japão", disse Rush em entrevista por telefone de Chicago, na quinta-feira à tarde. "O que posso dizer é que todo mundo tem seu jeito de tocar, que todos tocam a mesma coisa de maneira diferente e é isso que me encanta no blues", afirmou.

Novo disco — Rush vai apresentar-se pela primeira vez no Brasil. "Não sei nada sobre o seu país", lamentou. "Espero ter tempo de dar umas voltas por aí." Conhecido pelo estilo lento e emocional, o guitarrista não é um grande produtor de discos. Gravou muito pouco e ficou mais de 20 anos afastado dos estúdios (em 1994, voltou com *Ain't enough Comin' in*).

Agora, Rush avisa que está produzindo um disco novo, do qual não quer falar muito. "Não há muito segredo, eu apenas toco blues; e toco do jeito que sinto", diz o músico que, como John Lee Hooker, não é de falar muito — bem diferente dos seus colegas de Chicago Buddy Guy e Junior Wells. Esse último, aliás, está bem mal de saúde. "Ele sofreu um ataque cardíaco, mas não sei realmente como está agora, não pude visitá-lo", contou Rush.

O guitarrista, que está com 62 anos, creditou suas maiores influências a Muddy Waters, Willie Dixon e John Lee Hooker. Elogiou Eric Clapton e a versão que fez de sua canção *All Your Love*, no disco *Stepping Out*. E disse que vê com bons olhos a influência de guitarristas jovens, como Jonny Lang (de apenas 16 anos), na cena bluesista. "Tem lugar para todo o mundo e a maioria desses garotos é muito ta-

lentos", disse.

Meio cigano, Rush passou por obscuros selos de blues e nunca conseguiu uma imagem "estável" no cenário do blues. Começou nos anos 50 tocando *I Can't Quit You, Baby*, de Willie Dixon. A gravadora Eldorado lançou no Brasil *Screaming & Crying* (1974), em 1993, e a Warner, *Lost In The Blues*, gravado em outubro de 1977 na Suécia, quando Rush excursionava pela Europa com um trio. Com a chegada do homem que tanto faz sua guitarra falar quanto suplicar, é hora de as gravadoras darem uma checada no verbete Rush nos catálogos de blues.

GUITARRISTA GRAVOU MUITO POUCO, FICOU MAIS DE 20 ANOS AFASTADO DOS ESTÚDIOS